



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX — N.º 505 — Preço 1\$00
20 DE JULHO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO — PACO DE SOUSA — FUNDADOR: Padre Américo — VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA — AVENÇA — QUINZENÁRIO
VICINHADE DA OBRA DA RUA — DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS — COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Pai Américo

Temos andado mais juntos do que nunca nos últimos tempos. São dores de parto. É a Obra que cresce e se aproxima o dia de dar à luz. São horas de contradição. Enquanto se não passam, há uma angústia que faz estremecer, quando não paraliza... Depois, será a alegria da Primavera, quando as árvores despidas se revestem e ornam de flores com que o ar se perfuma.

Agora, ainda é antes. A dor aproxima, faz compreender. As nossas são as dores dele—o preço do seu sacerdócio, continuado no sacerdócio dos seus padres. Mas ele sofreu mais. Oh, quanto mais! Só o ímpeto da Inspiração, só o apoio descido do Céu, podiam conservá-lo de pé, quando, em sua volta, a reacção perante o inédito não podia ter sido senão o que foi: primeiro, contraditória; depois, reticente... E foi o Povo, com o seu sexto sentido da Verdade, quem primeiro compreendeu e aceitou a verdade da sua Inspiração, a Fortaleza que só o Céu podia explicar. Depois, vieram os outros, os sábios e os poderosos. E vieram também e vêm sempre e estão sempre e haverá deles até à consumação dos séculos: os fariseus. Desde o baptismo no Jordão até à Sua hora na Cruz, Cristo teve-os sempre consigo. Como não há-de ser com os discípulos, se foi assim com o Mestre!?

Fariseu é todo aquele que se arvora em Juiz de uma Inspiração e teima em medir o inspirado com a estreiteza da sua medida. É tão difícil aceitar o mistério, tão sobrehumano na exigência à humildade, compreender do incompreensível só o que cabe na nossa medida e ajoelhar depois pelo muito que não coube e louvar a Deus por dar aos homens um homem inspirado!

Por isso a sua glória, a sua felicidade sem senão, começou com a morte. É assim com os santos: nascem ao último suspiro. E quanto não foi amargurado aquele suspiro derradeiro, às 6 e 5 da manhã daquele 16 de Julho, vão lá sete anos! A sua hora!

Doze dias depois, vinte e sete anos antes, fora o «baptismo no Jordão», início da sua vida pública. Na ordenação sacerdotal recebeu, in semine, a Inspiração que havia de desenvolver-se ao longo daqueles vinte e sete anos e a Fortaleza que havia de o sustentar de pé até ao fim.

Uma Visita

Foi um domingo destes. Cedinho partiram de Coimbra e ao dar das onze aí estavam eles, conforme o prometido, para assistir à Missa na nossa Capela. Antes, deixaram flores e uma pedra dizendo da sua gratidão a Pai Américo.

Depois a missa dialogada e canticada, fruto da acção discreta mas eficaz das Criaditas dos Pobres, que eles trouxeram consigo, como era justo.

Quem faz o bem por amor de Deus, não o faz para receber recompensa de mais ninguém senão d'Ele. A ingratidão é mesmo moeda corrente e é sal que dá sabor e preserva da corrupção as vidas consagradas. Se aquele que a recebe tiver a coragem de rezar o «perdoai-lhes Pai que eles não sabem o que fazem» por aqueles que a cometem; e se estes a cometem mais por ignorância que malícia — até podemos dizer que a gratidão é mal que vem por bem.

Mas nem por isso deixa de ser consolador receber de quem recebeu, uma recompensa afectuosa no reconhecimento do bem trocado. Esta visita foi assim. Aqueles pais e mães de família, muitos com os seus filhos, não se esqueceram de quando moravam por lá, e tiveram de vir agradecer àquele cuja solicitude pelos Pobres deu o arranque ao movimento que P.e Horácio levaria até ao fim: a construção do Bairro do Património dos Pobres de N.ª S.ª de Fátima, na Adémia, à entrada norte de Coimbra.

Já não seria, pois, preciso acrescentar que estes nossos visitantes foram os moradores daquele Bairro.

E naquela hora, do mesmo certo modo em que começamos a ser quando nasceu nossa mãe, uma semente das suas dores sacerdotais ficou guardada para nós, seus padres para germinar na ordenação de cada um e crescer e crescer e crescer até ao fim, guiados ainda pelas luzes da sua Inspiração e sustentados pela Fortaleza que desce do Céu e ele nos entrega amorosamente.

Por isso tão juntos temos andado neste tempo de gestação, em que as suas dores, agora incarnadas em nós, nos aproximam e nos dão compreendê-lo mais profundamente.

Na data de 16 de Julho, em que fomos empossados na herança e na de 28, dia da vocação dos padres da rua, que Jesus, o Recoveiro divino, nos traga lá do Céu um abraço muito apertado de mando de Pai Américo.

Visado pela
Comissão de Censura



VELAS

Vai no mar largo a estação dos visitantes. Logo que a primavera se anuncia, domingo a domingo vai engrossando a enxurrada e no verão é que é.

Como os restos de Pai Américo repousam na nossa Aldeia, muitos dos que vêm, devotamente trazem velas para arderem junto do seu túmulo.

É pena que a piedade da nossa gente esteja assim tão apagada a coisas de somenos.

Não há ninguém menos de velas e de «ex-voto» de cera ou outro material do que foi Pai Américo. As pessoas, cheias de boa vontade, trazem velas na intenção de o homenagear, mas a forma da homenagem não é nada conforme ao modo de ver e gosto do homenageado. Menos ainda aquela exibição pouco digna de braços e pernas e pés e cabeças de cera pendurados ao pé, como é costume ver-se junto aos altares dos santos milagreiros na devoção popular.

Por isso nada daquilo ali fica, nem ali arde. Para dizermos toda a verdade, tudo regressa ao cerejeiro, o único que lucra com a homenagem, pois vende por dez o que nos

compra por cinco e logo a seguir torna a vender o mesmo por outros dez e volta a comprá-lo pelos mesmos cinco. Uma mina!

Eu devo dizer aqui que nada tenho contra os negociantes de cera! O que me doi é a deformação da piedade, que prende as pessoas aos modolinhos feitos de devoção exterior, em vez de os libertar para a ascensão dos corações à intimidade de Deus e para a frutificação desse convívio em obras de caridade autêntica, que são sempre a verdadeira homenagem, a luz mais brilhante, que agrada a Deus e reverencia as almas que acreditamos viverem face a face com Ele.

Para terminar com uma informação muito prática aos que sempre gostam e teimarão em vir de romagem com a sua velinha, nós dizemos que as únicas velas que ardem na nossa Capela, são as do Altar e as de Nossa Senhora, nas horas dos actos litúrgicos ou de piedade colectiva. E aí, só arde cera de primeira em velas de 100 gramas cada.

Cont. na 2.ª Página

AGORA

Há quanto tempo não sai a Procissão! E assim, de tão numerosa, há perto de uma hora comecei a ordená-la e só agora começa a desfilar! Ela aí vai...

1.º pendão — Casas por inteiro.

Alguém que muito estimava que a casa fôsse em Parada deixou 12 contos no Espelho da Moda. Outro, «em sufrágio da alma de meu Pai», entrega outro tanto para a Casa Jesus Maria e José. A mesma quantia entregue por senhora visitante ao cicerone. Casa Bêlinha, a construir, se possível, em S. Martinho do Campo — Valongo. Mas parece-me que lá não será enquanto não vir a andar o dinheiro que ali se junta nas «almi-nhas» que marcam o lugar do desastre de Pai Américo.

Finalmente, as alunas do Liceu Rainha Santa Isabel, do Porto, que aí vieram pela 6.º vez, deixaram a Casa do 6.º ano.

2.º pendão — Pessoais.

Alto! Há presenças novas e regulares. São os Funcionários da Caixa Textil com 186\$50 e 179\$50 «produto do 1\$00 mensal». E são os da Caixa de Previdência do Distrito do Porto, que acorreram ao mesmo alvitre em tempos publicado no Famoso com 120\$00 e 142\$00. E fiéis à velha tradição o pessoal da HICA, com 1926\$30+1877\$70+2397\$10. E o Pessoal do Grémio de Panificação com 3 vezes 187\$50, uma 190\$00 e outra 198\$00. Até me parece que este Pessoal anda em avanço sobre os meses!

E o Pessoal do Banco de Portugal manda mais 1500\$00 para a 2.ª casa dos Funcionários daquele Banco.

3.º pendão — Fiéis sem lei de presença...

O que não quer dizer que muitos não sejam conhecidos de vários encontros nesta jornada de fé!

No Espelho da Moda 500\$, silenciosos. 150\$00 de Marília (com mais lembranças para Calvário e Belém). 250\$00 de não sei quem. 400\$00 de «um casal vosso amigo, que, mais uma vez, queremos marcar a nossa presença... e pedimos a Deus que nos conceda a graça de aparecermos muito mais vezes!» Mil da Idalina de Lisboa.

Duzentos de duas irmãs muito amigas «Ó que bom e feliz amarem-se os irmãos!» Metade de G. C., de Vouzela.

No Montepio, em Lisboa, além dos 1500\$, (já mencionados dos Funcionários do Banco de Portugal), mais 300+400 de «um pecador» e 20\$ de Dinah e 16\$ de F.N.T.

Aquele sócio do Automóvel Club de Portugal cujo alvitre de 1\$00 mensal de cada sócio do referido Club foi publicado uns números atrás, não mandou só o seu alvitre. Adubou-o logo com 1000\$00. Vamos a ver se ele consegue a colaboração dos outros sócios.

E de Malveira, outra alma de boa vontade, comparece com 70\$00 e com 60\$00, em resposta à sugestão publicada no jornal de 2 de Fevereiro de 1\$00 mensal de todos os portugueses. Melhor: esta alma de boa vontade foi ao encontro de outras da mesma sorte e junta e manda mensalmente uma quantia à volta destas. Viva a Malveira e a assinante 27996.

4.º pendão — Os de todos os meses.

É o casal R. D., e a Maria do «Pequeno Louvre», e o dos 20\$00 poupados ao tabaco, mensalmente, e a Alda, do Ri-

batejo e 200\$ de P. Miranda.

5.º pendão — Campanha dos 30.000×20\$00=50 casas.

Não senhor, esta campanha ainda não acabou. Apesar de serem poucos os fiéis que ainda a lembram, há alguns que não falham com a sua gotinha que alimenta o caudal embora em fio de água.

É aquele Major, de Lisboa, que todos os meses aparece com 40\$00 (fora o resto!). É alguém que pede uma Avé-Maria pela conversão de um chefe de família. É o assinante 25.507 com 20\$00 por si e outros «por algum assinante que, desejando oferecer para o mesmo fim essa importância, não o possa fazer». E o assinante 2836. E outra de Castro Daire.

O 6.º pendão — casas a prestações, como já é costume, sai sózinho a próxima quinzena.



FACETAS DE UMA VIDA

Outra remessa de correspondência de família, permite-nos respigar, aqui e além, alguma novidade ainda não conhecida, mas nenhuma delas substancial.

Esperamos que um outro lote de cartas do próprio Américo entre 1897 e 1907, ainda por ler, nos forneça flagrantes mais preciosos para a composição do retrato.

Em 7/3/1899, em carta ao P.e José, os Pais informam: «Aníto e Américo estudam regularmente. O Américo, se continuar assim, há-de aprender o inglês, francez e allemão e depois... rua!»

Quase três meses depois confirma:

«Aníto e Américo vão razoavelmente nos estudos».

Passou o século. Agora é o 7 de Janeiro de 1901: «Hontem de tarde caiu um grande nevão que deixou toda a terra coberta de gelo».

Américo e Aníto continuam no collégio, o primeiro com o francez, inglês e allemão e o outro no curso do lyceu. O Aníto no exame de 2.º anno que fez em Agosto, obteve nas nove disciplinas, cinco valores (que é o máximo de valores) em sete d'ellas, e 4 sufficientes e 1 medíocre nas duas restantes. E o Américo, que não fez exame de portuguez e francez porque, por evitar despesa, eu não deixei,

ainda traz melhores notas d'estudo do collégio, que mesmo o António. Daqui a 2 annos, se Deus quiser, irá elle ver terras africanas».

É a primeira vez que vemos o Pai sobre-elevando o Américo diante dos irmãos, nomeadamente o irmão António, que foi de entre todos o seu mais próximo companheiro.

Em 15 de Dezembro de 1905 a Mãe comunica ao P.e José que «o Américo está em casa doente dos ossos. Já estava no Instituto Commercial, mas parece que este inverno passa por aqui até ir às caldas a ver se melhora».

O Pai, em carta ao mesmo filho, confirma esta notícia em Janeiro de 1906: «O António lá está na Academia, o Américo em casa com um ataque rheumático».

Em 1907, já o Américo estava em África. E em Outubro, desse anno, a Mãe informa o P.e José que «o Américo já se livrou em África no dia 16 de Junho e ficou bem, graças a Deus». Livrou-se da tropa, já se vê!

E termino o artigo de hoje com uma pequenina mensagem do Américo, em letra ainda muito de colegial, datada de 12/4/1897 para Cochim:

«José
Muito estimo que tenhas saído em companhia do senhor D. que a minha também é boa graças a Deus».

Eu já te escrevi uma carta e com esta são duas e ainda não recebi resposta tua e pensava que tu estava morto ou que te esqueciste deste teu irmão António, eu Américo e teu afilhado pedimos-te do coração que tu venhas cá este anno.

Campanha de assinaturas

Do Minho ao Algarve

E a procissão continua. É gente acotovelada. Gente que transpira. E dela com sede; não de água — essa não falta até nas bordas do caminho — mas de Cristo vivo, cuja face macedrada na pessoa dos nossos irmãos Pobres é vista, assiduamente, neste famoso revolucionário.

Vamos botar os olhos pela multidão: vemos gente fresca de Ermezinde, Espinho, Fanhões, (ó Quim!...), Tomar, Rio Tinto, Pinhel, Besteiros (Paredes), Ovar (com nova série!), Coimbra (em grande forma!), S. Mamede de Infesta, S. Paio d'Oleiros, Santo Tirso, Palmeira (Braga) e boas notícias de Alcobça:

«Zelosa, como sempre, em angariar assinantes, para «O Gaiato», não apenas pelo que eles significam de ajuda material para esta Obra transcendente, mas sobretudo pelo que podem beneficiar através das suas lições imorredoiras, venho pedir-lhe a fineza de que passe a revivê-lo também para...».

Mais uma coluna de devotos. À cabeça, um magote de gente do Barreiro. O nosso Snr. P.e Acílio põe o Barreiro, muito justamente, nas alturas: «É uma terra sedenta de Fé!» Até nós, aqui, vemos que sim. Tanto, que ele promete revolucionar o meio e mandar assinantes em cheio. Prá frente, Snr. P.e Ací-

VELAS

Cont. da 1.ª página

Por isso, em vez de 10 velas de terceira, que vamos devolver ao vendedor por metade do que ele vendeu, ou em vez da vela da altura de quem fez a promessa, que não serve para queimar em parte nenhuma, que venha uma ou duas velas de primeira, as quais equivalerão no preço e terão a sorte que os doadores desejam: arder no Altar da nossa Capela, lado a lado com o túmulo onde repousam os restos de Pai Américo

A nova impressora automática devora trabalho!

Se deseja mandar executar serviços tipográficos aproveite a

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

Sou teu irmão Américo M. A.». Nas costas desta pequenina carta a mãe faz ciente o P.e José de que «o teu afilhado pede que o abençoes, vai comungar pela primeira vez».

lio! — foi a nossa ordem. E cumpriu: «Aí vão mais delas — Três. Uma faturinha! Não há como eu». E não! Particularmente no que toca à boa disposição... Espero mais e mais...

Depois, temos Gaia bem representada, Pinhal Novo, Vilar de Andorinho, Guarda, S. Pedro da Cova, Rio de Mouro, Barcelos, Caldas da Rainha, Loures, Barrocal do Douro, Serrinha, Rossio ao Sul do Tejo, Ermezinde, Pombal, Argoncilhe, Tortozendo, Matozinhos, Melres, S. Pedro do Estoril, Cartaxo e a cidade de Evora:

«Correspondendo à v/ campanha de novos assinantes, a seguir indico um, dos firmes, para o qual deverão passar a mandar o Gaiato, desde já.

Não sei se mandam recibos à cobrança ou se só aceitam as assinaturas pagando os assinantes de sua iniciativa. Se mandarem à cobrança, podem fazê-lo desde já. Se não o fizerem agradeço um postal para promover a sua liquidação, directamente».

Nunca é demais repetir-se as chamadas condições de assinatura: o assinante paga quando, como e se puder. Interessa mas é que leia e saboreie. O resto... vem por acréscimo.

Passa uma deputação do Estoril. Venham mais devotos dessa zona! Que onde impera o deus milhão... já se sabe... E mais um grupo de Paços de Brandão. E outro da Amadora. Imediatamente a seguir representações de Seia, Barrosas — Lousada, Vizela, Mação, Zibreira — Torres Novas, Damaia, S. Tiago da Cruz — Famalicão, Vila Nova de Ourém e Gavião com um valioso testemunho de desprendimento cristão. Rio Maior soma e segue e uma devota de Alhandra transporta na palma da mão esta legenda:

«Só uma nova assinante que arranjei; eis a direcção...»

Não se entristeça por ser só uma, desta vez. Não de vir mais. Tenha fé e coragem. Mais vale poucos...

Já quase no fim da coluna sobressai um grupo de Leça da Palmeira, pela mão de um bom cliente da nossa Tipografia. «São pessoas da minha família», accentua. Quem dera outros façam da mesma forma. E como seria ainda mais numerosa a multidão de leitores!

Adiante marca presença Famalicão, Gondomar, Nobrijo — Branca e Tondela:

«Envio o nome de uma nova assinante que estou certa não cometerá falta, como a por mim cometida...»

Ó delicadeza! Ó simpatia! É «uma esposa e mãe» e, por isso, diz tudo.

Fecha a coluna um casal, muito amigo, de Aveiro — Lucília e José:

«Eu e meu marido somos assinantes e queremos também colaborar na Campanha pelo

Cont. na 3.ª página

«O Gaiato»

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



Uma Carta

DOCTRINA

«Já fez em Abril um ano que aí estive e de então para cá, que de coisas se têm passado! A perda do meu querido irmão José, tão amigo dessa Obra, foi uma das irremediáveis, e que só a confiança de que Nosso Senhor o tenha à Sua Santa Guarda nos pode fazer suportar conformadamente.

Junto lhe envio um cheque de 50\$00 para pagamento da minha assinatura de um ano, feito sobre o Banco Nacional Ultramarino, conforme o Sr. Padre Carlos me recomendou. Mas vou-lhe contar as voltas que dei para conseguir, não para que m'as agradeça, mas para ver que não será fácil muitas pessoas pagarem as suas assinaturas por este processo. Eu fi-lo, porque estava de férias, e porque quis precisamente ver, por experiência própria, quantas voltas é preciso dar: Dirigi-me primeiro ao Banco para depositar o dinheiro, mas o empregado que me podia elucidar não podia de momento atender-me, e como eu não pude esperar, voltei no dia seguinte. Fui então informada de que necessitava duma autorização do Conselho de Câmbios, que fui buscar na manhã do dia seguinte. Preenchi um papel, e mandaram-me lá voltar à tarde. Fui, e deram-me então a requisição assinada, mas como o Banco só está aberto ao público de manhã, voltei lá no dia seguinte, e consegui, então, este chequesinho de 50\$00, mediante o pagamento de 69\$30! Ora, como vê, isto é pouco viável! Informaram-me no Banco que se a Casa do Gaiato fizesse um pedido ao Conselho de Câmbios afim de serem autorizados os depósitos no Banco em seu nome, o caso simplificava muito.

Do que conseguir muito lhe agradecia me informasse, para de futuro saber o que hei-de fazer, e por minha vez informar outras assinantes.

Desculpe esta ir tão longa, mas pensei que lhe deveria interessar estar ao facto destas coisas.

Com os meus cumprimentos e os desejos de prosperidade para essa magnífica Obra».

Ela aí vai. Nem me apeteceia comentá-la. Ela é elucidativa da simplicidade que nos caracteriza e da unidade que nos rege!

Eu já nem falo do preço que custam 50\$00 metropolitanos em Lourenço Marques: quase 20\$00. (E não sei se ainda não haverá mais alguma comedela, ao recebê-lo... Tem havido, como ainda há pouco nos queixámos.)

Nem digo dos passos que ele exigiu a esta nossa assinante, que é, há tantos

anos, uma das nossas cobradoras lourençomarquinas.

Mas não posso calar a nossa surpresa quando nos notificam de lá (como de Angola, há poucos dias), que o Banco não recebe depósitos na nossa conta.

E do que recebiam, e está em caixa, há tempo quis passar um cheque de dois contos a um dos nossos que trabalha em Lourenço Marques e foi preciso pedir meças ao Conselho de Câmbios, pois não podemos movimentar a nossa conta lá, por estarmos cá. E de Angola recebi hoje uma carta, resposta a este grito de surpresa, dizendo que por atenção a quem era e não se tratar de quantias grandes, que iam pedir à Inspecção de Crédito e Seguros, se permitiam a aceitação dos depósitos.

Mas que é isto?!

Campanha de assinaturas

Cont. da 2.ª página

que enviamos os nomes de mais dois novos assinantes.

Comecem a mandar o jornal, logo que vos seja possível, pois também nós em breve queremos ver se conseguimos mais assinantes».

Que chave d'oiro!

Mas ainda fica tanta gente à espera de lugar!

No próximo número continuará o desfile, se Deus quiser.

Júlio Mendes

Um pedido

Conferencia do Lar do Porto — O Pobre da rua de S. João Novo, já veio algumas vezes às colunas do nosso jornal.

Desde a altura em que o conhecemos até hoje a sua vida tem sido um pesadelo muito grande, mesmo muito grande.

É uma vida espinhosa e muito aflita para quem tem mulher e dois filhos de doença incurável e com necessidade de boa comida e cama para dormir e não encontram meios para tais condições justas e humanas!

E muito mais eu diria; porém, seria repetir o que algumas vezes aqui foi relatado e relido.

Ora, este homem ainda com poder suficiente para trabalhar, anseia por emprego. Um emprego não duro—porque já passou os 60 anos e tem passado a vida com maus tratos—mas para porteiro, cobrador, guarda de garagem ou ramo semelhante. Ele é capazíssimo. Sabe ler e escrever bem. Tem boa apresentação.

Haja uma oportunidade numa empreza ou numa casa de quem nos lê! E nós cá ficamos à espera de resposta. Este homem e sua família esperam também. E com que ância, meus senhores!

u gosto muito da sabedoria do Povo. «É a voz de Deus...», ouve-se proverbialmente. E até, podemos dizê-lo, teologicamente, por quanto o consenso moralmente unânime dos cristãos de todo o mundo, duradouramente mantido ao longo de gerações, é norma de Fé.

Pois é desta fonte de bom senso, de Filosofia Perene, que nós vamos hoje beber um conceito que anda um bocadinho arredado da nossa prática: **Vale mais prevenir do que remediar.**

Parece que é indiscutível a afirmação. «Homem prevenido vale por dois!... — sinal de que a eficácia do remédio duplica com o só esforço de prevenção. E até, tantas vezes, basta esta para evitar o remédio, que, em regra é mais dispendioso e menos total nos seus efeitos.

Teoricamente, parece, pois, não haver que contrapor! E praticamente?... São tão diversos os princípios da nossa acção!

A medicina preventiva é uma realidade que se esboça e atinge ainda tão pouco a nossa gente! Nos últimos anos tem havido certo cuidado no rastreio da tuberculose. Há dias fomos visitados por uma brigada que identifica e medica os tinosos. São alguns passos primeiros — damos graças por eles. Mas há tanto, tanto que caminhar!...

Se saímos da Saúde para a Assistência encontramos-nos em semelhante beco. Esforços mal coordenados, muitas vezes repetidos escusadamente, um conceito de assistência passiva da parte dos assistidos, portanto, além de despersonalizante, muito dispendiosa, acabando às vezes por se gastar tanto nos meios que não se chega a qualquer fim.

Pior, porém, é o que acontece na defesa moral dos menores. Eu já não falo da multidão de rasteiras consentidas, e que são quase sempre boas contribuintes do erário: publicações de grande tiragem

porque positivamente más, ou, pior do que isso!, aniqui-

lantes do nobre dever humano de pensar; espectáculos; cafés com jogo; jogo, sem ser em cafés; cartazes; lojas com montras apetitosas a desparatar para o roubo, etc. E quando acontece que alguém, vítima, talvez, do ambiente, não reage a uma terapêutica educacional na liberdade e se impõe um tratamento de condicionais, encontramos-lhes tímidos, pouco prestes em tomar conta, difíceis em colaborar e é sempre exigido pela lei que haja prevaricação consumada para que aquele menor seja objecto dos seus cuidados. Não é a primeira vez que, com a boa vontade do executor da lei, temos de

Continua na QUARTA Página

TRIBUNA de Coimbra

Foi uma novidade a orientação religiosa que Pai Américo quis na sua Obra. Uma orientação fora dos moldes clássicos dos internatos em que se tem de ir à Missa todos os dias e se olha muito se vão à comunhão, entram e saem em forma, o terço é sempre na capela e as orações são longas. Deste ambiente sai-se cansado de religião.

Nas nossas comunidades a vida religiosa é a proporcionada a qualquer cristão: oração da manhã e da noite, uma pequenina oração antes e depois do comer, o terço em família e a Missa dominical. O resto depende do apetite de cada um. E tem dado certo.

* * *

O nosso Alberto esteve muito doente. É dos becões de Coimbra, duma das antigas caves antro escuro, sem espaço e sem ar, que conheci a família, quando a mãe estava em agonia. Foi vítima de doença muito dolorosa e deixou um rancho de filhos menores. O pai voltou para o Sanatório, onde já estivera várias vezes, o Alberto veio para nós e os outros filhos foi cada um para seu lado.

Alberto tem agora catorze anos. Anda na quarta classe. É alegre, bondoso e bom jogador da bola. Adoeceu. Melhorou. Tornou a piorar. Quando demos pela gravidade do seu estado ministrámos-lhe todos os remédios da Santa Igreja. Recebeu-os com

consciência e alegria. Estive-mos todos presentes. Foi uma lição viva. Não lhe faltámos também com nada da medicina dos homens.

Para maior segurança levámo-lo para os Hospitais. Ali foi rodeado de carinho. É muito bem educadinho, ouvimos dizer aos outros doentes.

Hoje teve alta. Quando o fomos buscar já ele estava no largo à nossa espera. Despediu-se de todos os companheiros de enfermaria. Eram todos meus amigos.

Já a caminho de Miranda o Alberto segredou-me: lá, rezei todos os dias o terço, sozinho na cama. E eu segredai-lhe também: olha filho, também nós todos os dias, ao terço, rezámos por ti.

Quando chegámos estavam todos na capela. As minhas palavras foram a presença do Alberto. Todos agradecemos ao Senhor por no-lo conservar.

* * *

Zé Grilo, actualmente militar, veio despedir-se para ir para Ultram. Antes do último abraço perguntei-lhe: Levaste terço? Tenho aqui — respondeu ele. Queres um missal? Já o tenho na mala — e sorriu.

Vai com Deus. Deus te leve, te acompanhe e te traga. Deixei-lhe a bênção e ficámos todos em silêncio até o perder de vista. Pedimos ao Senhor que ele seja mais um português que saiba dilatar a fé e mantenha a segurança do império.

Padre Horácio

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Zé do Porto

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA

Há dias, quando entrava na sala de jantar, reparei que à entrada uma mãozinha de criança, a do mais pequenino da casa, se estendia para mim com dois rebuçados apertados entre os dedos. Debrucei-me um pouco para ele e ouvi a sua voz dizer-me «toma». Muito contente perguntei se eram para mim. Ele ainda mais feliz do que eu disse que sim. Aceitei e guardei-os sem ele ver. Vi-o depois dar uma corrida e sentar-se no seu lugar, esfregando as mãos de contente e falando para os que estavam junto: durante a refeição pareceu-me estar sempre feliz. Quando saímos ouvi-o dizer aos mais pequenos: «deí dois rebuçados ao (j)el». E esfregava novamente as mãos todo contente. Disse que sim, e vejo os olhos sorrirem-lhe de alegria. Como nós podemos, quase sem darmos por isso, tornar uma criança feliz! Se eu não tivesse aceiteado os rebuçados ele não teria ficado tão contente. Passados três dias voltámos ambos a sentir a mesma vontade. Peguei nos mesmos rebuçados e dei-lhos novamente.

Ele que tinha tido a alegria de dar, sentia agora a alegria de receber.

Eu que tinha tido a alegria de receber, senti naquele momento a alegria de dar. Vê tu amigo leitor como dois rebuçados podem tornar duas pessoas tão felizes. Que Deus seja louvado.

Gabriel

SETUBAL

Foi no domingo. Eu tinha ido com a minha metade dar um giro. Quando regressávamos, topámos com um grupo de cinco Escuteiros, ainda muitos jovens. Bem perfilados e radiantes, eram bem o prototipo de quem sabe para onde e onde caminha.

Eu admirei-me e comentei o porte garboso daqueles cinco Escuteiros juvenis.

Quando cheguei a casa, a Senhora mostra-me um conjunto de roupas e livros, e diz-me que tinha sido oferta daqueles 5 rapazes. Eles, por regime do Escutismo, tinham que fazer uma boa acção. A regra dos Escutas assim o pede.

Eram cinco crianças, podiam ir passear pra outro lado, podiam trazer nada para oferecer, eles vinham sós! Acompanhava-os a alegria da boa acção.

Eu vi as roupas, vi os livros. Eram pobres estes cinco rapazes, e fizeram a sua boa acção trazendo cada um do que tinha para oferecer.

Quem lhes disse o valor do sacrificio? Quem lhes mostrou onde e como podiam amar a maior das virtudes? Não sei quem foi, mas toda a Ciência sai de inteligências onde impera ou deve imperar a Luz de Deus.

Nos liceus, entramos nas escolas e nos liceus, e reparamos que em todas existe um crucifixo. ■

Não diz nada, ele não fala por si, e não tem valor algum para enfeitar as salas.

Eu creio que há professores que me compreendem. Ensinar! Eis a nossa missão. Ensinar as letras, instruir até aos exames; mas não basta. Dizemos seguros na Sabedoria grande: «Que vale ao homem [possuir o mundo inteiro, se vier depois a perder a sua alma?]. Os professores, podem e devem mostrar esta verdade. Ensinar o que significa o crucifixo, dizer da Doutrina reve-

lada por Aquele que a dita imagem representa.

Os alunos, são outros filhos dos professores, daí o dever de ensinar cristãmente. Um mestre, tem que o ser acima de tudo, no modo de imprimir Carácter Cristão.

Estes cinco jovens Escuteiros dizem-nos do Bem que seria se todos os professores, todos os mestres, tivessem a preocupação de ensinar cristãmente. Muitos problemas sociais estão penderes desta preocupação.

Quem dera que tu ouvisses com o coração aberto a doutrina que estes cinco rapazes nos deram. Cinco pequenitos dizem-nos e ensinam-nos como devemos fazer para calar a fúria do ódio.

Ernesto Pinto

BEIRE

Notícias da nossa Conferência

Há ainda poucos meses que teve lugar, no salão de festas do Calvário, uma reunião dos vicentinos do Conselho de S. Vicentinos de Paulo, de Braga.

Nessa reunião, falou o Sr. Padre Carlos sobre a Caridade, pondo em relevo as graças que cada pessoa pode obter praticando esta virtude. A certo momento, o Sr. Padre Carlos narrou uma das passagens da Boa-Nova, em que o Divino Mestre afirmou:

— É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no Céu.

Ouvis, ó corações empedernidos? O Céu foi feito para todos nós. Mas vós bem vedes escritas acima as palavras que Jesus proferiu.

É um prodígio. Um animal tão grande, passar por um orifício tão estreito. Mas este prodígio pode realizar-se.

Pai Américo ajudou muitos ricos, com as suas palavras a entrarem no Céu.

E sabeis, leitores, como é que essas pessoas auxiliadas pelo Pai dos Pobres, fizeram passar o camelo pelo fundo da agulha? Não sabeis?

Então eu vo-los digo. Foi praticando a Caridade. Foi dando a sua esmola para as instituições de bem-fazer.

Final, era uma coisa extraordinária, mas de resolução fácil. E agora pergunto-vos eu:

— Quereis operar esse prodígio que Cristo confirmou? Se quereis, imitai aqueles que Pai Américo ajudou. Dai a vossa esmola.

Lembrai-vos, de que um Pobre a nossa porta é sempre Deus que nos visita.

Vós não imaginais a alegria que um Pobre sente quando nos vê entrar pela sua porta. Ajudai com as vossas esmolas esta nossa Conferência. Nós tudo aceitamos: roupas, calçado, tudo, novo ou velho. Para os Pobres não há distinções.

Se está roto leva um remendo. Se está novo mais dura.

Se assim fizerdes, no dia do Juízo Final ouvireis clamar:

— Vinde benditos de meu Pai, porque tive fome e deste-me de comer, porque tive sede e deste-me de beber, porque andava nu e vestiste-me.

Se algum de vós deseja enviar alguma coisa para a nossa Conferência, eis a direcção:

Conferência de S. Nome de Maria Casa do Gaiato — Beire-Paredes (Douro)

Bençãos de Deus para todos vós.

Henrique

BELEM

CEREJEIRAS — Na nossa quinta há muitas árvores de fruto, entre as quais algumas cerejeiras. Mas apanhar antes de amadurecerem, porque há por aqui muitos ratoneiros. A nossa Mãe anda-lhes com uma vontade que os primeiros que agarre hão-de levar ensinadela que sirva a direito e para os outros. Não há direito! Então nós somos tantas e vêm-nos cá tirar o que precisamos para nós? Se não se convencerem que têm de respeitar o que está na quinta, agora são as cerejas e qualquer dia são as uvas e outra fruta.

No domingo passado fomos apanhar cerejas. Levámos um escadote e um cesto. A nossa Mãe pegou na Fatinha e pô-la em cima da árvore e a Conceição subiu para cima do escadote e assim apanhámos os frutos para o tal cesto. Lamos apanhando e comendo. Foi pena apanharmos não irem, por castigo. Trouxemos-las para casa e à sobremesa souberam-nos muito bem.

Edite

JARDIM — Em frente da nossa casa temos um lindo jardim, dividido em vários canteiros e com várias flores. Como eles andavam cheios de erva a nossa Mãe resolveu mandar a Cilita e a Madalena arrancá-las. Como elas já madavam cansadas de andarem debruçadas a minhar-se, estragando bastantes aros. Quando a nossa Mãe viu aquele lindo serviço ralhou-lhes e disse-lhes que nunca mais tornavam a ir para lá. Passado algum tempo, andávamos nós, as da 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, a brincar, e fomos nós encarregadas de acabar de mondar o jardim. Nós ficámos todas contentes e não fazíamos outra coisa senão dizer que tínhamos o jardim para mondar.

Fátima

PARDAIS — A nossa cevada amadureceu cedo. Por isso, a nossa Mãe no dia de Camões mandou-nos guardar os pardais.

Mas os pardais eram tão descarrados que mal nós virávamos costas voltavam logo outra vez para lá.

A cevada estava madura. Mas como os pardais andavam sempre entre ela a depenicá-la, apanhou-se. Agora já não têm mais cevada para adubar.

É bem feito para não serem atrevidos.

Janjinha

COELHOS — Aos Domingos e dias santos quem trata dos coelhos sou eu, a Licas e a Madalena. Gosto muito deste trabalho, para ver os ninhos das mães coelhas tapadinhas de pelos, com os coelhos pequeninos.

São cinquenta e quatro coelhos, fora duas ninhadas.

Ainda não sabemos fazer este trabalho bem feito, pois tanto de comer a um ou dois como a uma ninhada deles.

A nossa Mãe diz-nos então: «Um coelho come tanto como uma ninhada? Ainda têm muito que aprender».

No domingo passado esquecemo-nos de lhes pôr comer ao meio-dia e à tarde; com pressa, pouco lhe demos, mas tivemos de lá voltar para lhe dar mais.

Foi uma beleza vê-los comer.

Cilita

PAÇO DE SOUSA

CEIFA — Veio o dia e, como em todo o mundo, logo de manhã cedo, a gentinha levantou-se, tomou café e foi para a ceifa.

Nesta labuta aníma e custosa houve a presença de rapazes de todas as oficinas incluindo até alguns

que ainda pequenos pegavam pela primeira vez na foice.

A nossa ceifa, igual a tantas outras que se fazem por Portugal todo, embora pequena, também tem o seu quê de típico.

Vai de enfusado e vão eles de chapéus de abas largas, vergados e cantando as mais modernas canções enquanto a foice vai fazendo zeque! zeque!

E toca para o tacho que então é que manda chover! Um sorriso que já lá estava mas que agora é mais animado, se estamos no campo das ceifeiras da nossa aldeia. A cantoria da casa de campo vêm os grandes tachos de batatas, bacalhau, trinchada, e mais e mais. Não falta o bom vinho da nossa maravilhosa adega.

Para que o entusiasmo seja mais crescente e completo a famosa concertina do Júlio «Tira-Olhos» está no conjunto musical, que com violas, concertinas, bandolins, bombos e vozes da gentinha, forma uma autêntica festa tipicamente gaiata.

No fim, o resultado foi uma grande satisfação para e nós, pois a ceifa rendeu bastante e era de muito boa qualidade.

Orlando da Rocha

NOVO COZINHEIRO — Toda a gente o conhecia. Zé Caraças, na nossa comunidade se chamava. O seu carregado, nunca inspirou confiança aos nossos Snrs. Padres. Já em tempos tinha pedido para se ir embora, a saída foi-lhe negada, depois de postos à luz da verdade, os porquês, mas ele não se conformou e tanto insistiu que venceu. Foi, mas passado algum tempo, voltou convencido que a vida era dura e que nem qualquer um maltrapilho a vencida. Porém, foi sol de pouca dura. Agora foi novamente. E assim se teve de arranjar um cozinheiro, que aliás já não era tapado de todo no ofício, pois tem-no desempenhado lindamente. É o Constantino, um dos nossos de côr que veio de Angola.

TIPOGRAFIA — Por mais que se fale nesta nossa oficina, nunca é demais. A nossa malta até já lhe deu a alcunha de «menina bonita dos olhos do Sr. Padre Carlos» o que era já no tempo de Pai Américo.

Aqui há dias, estava no escritório do Júlio, à hora do correio lhe chegou às mãos. Ele, como sempre, vê logo as cartas que vêm dos nossos clientes mais assíduos com trabalhos e as outras lê-as com tempo. Assim aconteceu, neste dia em que eu estava presente. Às tantas, ele chama-me: — Eh pá! Olha p'raqui! Até de Inglaterra já se lembram de nós!

Olhei, e realmente vi, mas ele não me deixou dizer nenhum comentário, pois dentro dele ainda tinha um desabafo preso para soltar. — Tenho a certeza que Deus nos há-de dar sempre trabalho.

Amigos, só para ver a alegria do Júlio, vale a pena dirigirem-se à nossa Oficina. Portanto, sempre que os vossos escritórios tenham falta de trabalhos tipográficos, esperamos ser lembrados.

AVENTURAS — Foi aqui há dias. Américo estava no refeitório, quando alguém o chamou: — Anda ver! Ele foi. Em cima duma mesa oito sêmeas. Quem as foi buscar à padaria? Ninguém se cortava. Às tantas, foi lembrado um aventureiro, que já estava culpado. Este foi chamado e mais outro cúmplice. Américo diz-lhes: — Vêem este serviço? Aquele de quem se pensava que se iria desculpar de qualquer maneira, deitou os olhos no chão, vencido pela pergunta; o outro, de quem se esperava a verdade, barafustou. Então, Américo insistiu, e o primeiro levantando os olhos, com voz sumida, confessou: — Fomos nós!

Como tudo seria mais fácil, se dentro da nossa comunidade, o «fomos nós» ou «fui eu» saísse logo à primeira. Entretanto, esta confissão deu-nos a ideia de que o lesma de Pai Américo, quando disse «não há rapazes maus», ainda permanece de pé.

RUMO A ANGOLA — Parte rumo a Luanda, o João de Setúbal. Aqui há dez anos atrás ninguém daria dez tostões por ele. Toda a sociedade o repudiava, assim como a todos os nós. Era um garoto da rua. Todos o escorçavam com o: «não te encostes a mim que estás todo porco». A Casa do Gaiato recolheu-o.

Quantos e quantos nossos, deste género, estão a defender no Ultramar as nossas Províncias!

Não é em tutórias nem em prisões que se fazem homens, mas em casa onde o rapaz tem alguém que o guie e lhe dê o amor que em criança não teve.

POSTAL-AVISO — Já muitos dos nossos assinantes receberam e muitos mais irão receber, pelo correio, este «fulano» enviado pela nossa administração. «O Gaiato» não é um jornal comercial. É certo que o papel e a tinta se pagam, o que não nos fica nada barato e, portanto, se vierem uns tostões para um mar de despesas, é sempre a abater no orçamento.

Caro leitor, se é assinante, não importa de onde, e se já de nós não se lembra há uma data de anos, este postalsinho de que falo, dentro de breve tempo o correio levar-lho-á à porta. Tem havido muitos que não aprimam esta modalidade. Ainda agora o Avelino me mostrou um: — Aqui vão 30\$00 para pagamento da minha assinatura, como resposta ao v/ postal e agradeço que não me considerem mais assinante.

Que mal é que fizemos a este nosso amigo? Fomos mal educados em lhe mandar um avisosinho?

Ernesto Augusto

DOUTRINA

Continuação da Página TRÊS

avolumar uma falta afim do caso poder ser considerado. E pode não ser tanto aquela falta o que importa, mas uma tendencia revelada, sempre pronta a realizar-se em actos correndo o risco futuro de muita gravidade.

Quando assim é, porque se não há-de francamente, inteligentemente, diligenciar a eliminação da tendencia, prevenindo actos cuja repetição pode tornar incurável a potência que os produz e depois, fatalmente, reproduzirá?

Não será esta inércia um índice de uma certa desorganização que há no nosso temperamento latino? Prevenir implica preparar. Remediar, algumas vezes, não é outra coisa que deitar mão de um improvisado que está muito na nossa «massa de sangue».

Julgo, pois, que seria muito útil meditarmos a sabedoria do nosso Povo e concluirmos praticamente da meditação.